

## DANÇA COM SURDOS: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NO PROJETO DE EXTENSÃO “A COMUNIDADE SURDA REINVENTANDO A ARTE DO BALÉ”

VICTOR TECHERA SILVEIRA<sup>1</sup>;  
KARINA ÁVILA PEREIRA<sup>2</sup>;  
ANDRISA KAMEL ZANELLA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [victor.techera.silveira@gmail.com](mailto:victor.techera.silveira@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [karina.pereira53@gmail.com](mailto:karina.pereira53@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [professoraandrisakz@gmail.com](mailto:professoraandrisakz@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O texto a seguir refere-se ao trabalho de conclusão do curso de Dança Licenciatura da UFPEL, desenvolvido entre os anos de 2020 e 2022. Tem como temática de pesquisa “Dança e Surdez” problematizando as estratégias metodológicas adotadas no processo de ensino aprendizagem de dança com alunos surdos do projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”<sup>1</sup>.

O objetivo geral do estudo realizado centrou-se em investigar os processos de ensino aprendizagem a partir das aulas de dança para pessoas surdas e da construção do espetáculo desenvolvido pelo projeto. Dessa forma me atentei em identificar as estratégias metodológicas que foram surgindo durante o processo das aulas de dança e da criação do espetáculo; problematizar os processos de ensino para o público surdo e suas repercussões no espetáculo “Vivências Surdas: Práticas Artísticas”; refletir sobre como isso contribuiu na formação de um futuro professor/coreógrafo de dança para pessoas surdas.

A fundamentação teórica da pesquisa faz relações com autores da dança e da surdez. Destaco Lacerda e Santos (2013), Lebedeff (2017), Marques (2010) e Matos (2012) como as principais referências do meu trabalho.

No projeto “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”, trabalhamos a dança para esse público pensando metodologicamente a partir do conceito de identidade surda. Segundo Perlin (2013) é necessário afastar-se do conceito de corpo danificado para entender o sujeito surdo através das experiências visuais que o identificam. Dessa forma Lebedeff (2017) ressalta que para a comunidade surda: “o que marca a experiência visual na dança é a necessidade de buscar pistas não auditivas para marcar o ritmo”, para se desenvolver consciência de tempo para cada tipo de dança, entre outras questões” (LEBEDEFF, 2017, p. 9-24).

### 2. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa teve abordagem qualitativa, pois foca na experiência única e peculiar do indivíduo. De acordo com Minayo (2002) não se apoia em representações numéricas e sim:

---

<sup>1</sup> O projeto de extensão oferece desde 2018 aulas de dança para pessoas surdas: I – aulas de técnicas base de balé clássico para crianças surdas; II – aulas de exploração corporal em dança para adultos surdos. Atualmente, o projeto está atuando apenas dentro da Escola Especial Professor Alfredo Dub com aulas de dança para os professores e funcionários, surdos e ouvintes da escola. Página do projeto de extensão: <https://www.facebook.com/BalletSurdo>

...trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

A abordagem qualitativa compreende melhor as vivências e processos de um grupo social, nesse caso a comunidade surda de Pelotas-RS que participava do projeto de extensão, que se tornou objeto de estudo e inspiração desse trabalho.

Sendo essa pesquisa documental, Gil (2008) explica que esse método abrange uma gama maior de fontes sem um tratamento analítico sobre elas, contemplando assim o portfólio<sup>2</sup> do projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”. Esse documento foi analisado durante a pesquisa por possuir registros desde o início do projeto contendo: planos de aula, trabalhos acadêmicos, ações artístico pedagógicas, assim como imagens, vídeos, gravações e registros fotográficos do espetáculo.

Com esse material buscou-se analisar planos de aulas, vídeos e imagens para encontrar e identificar as estratégias metodológicas de ensino de dança para pessoas surdas, nomeadas como “**pistas não auditivas**”.

Se pensarmos que a comunidade surda se comunica com o mundo, na maioria das vezes, através de percepções visuais, ter um material com registros visuais organizados auxilia no processo de pesquisa para entendermos como as metodologias de ensino eram efetivadas em sala de aula.

Importante explicar que a pesquisa desse trabalho tem um viés (auto)biográfico, pois traz o meu processo enquanto bolsista e professor em formação. De todos esses anos de prática como bolsista, a pesquisa teve seu foco analisar as ações do projeto contidas no portfólio do início de 2018 ao final de 2019, pois o projeto teve continuidade nos anos seguintes e foi necessário determinar um período para a realização do estudo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao focar nos processos metodológicos de ensino de dança para pessoas surdas, mapeei e elenquei estratégias através do portfólio do projeto de extensão. E assim, encontrei e analisei oito estratégias metodológicas que chamo de pistas não auditivas. São elas: 1ª Estalo de Dedos – para contagem de tempo; 2ª Contagem em Libras – para contar o tempo na dança sinalizando de 1 a 8; 3ª Piscar de Luzes – para indicar comandos como pausa e *start* de movimentos; 4ª Pisadas Fortes no Chão – para indicar o tempo e o ritmo na dança com um chão de madeira; 5ª Troca da Pantomima do Balé pela Libras – foi utilizada no espetáculo “Vivências Surdas : Práticas Artísticas” trazendo Libras para a cena no segundo ato “Cinderella: Uma Releitura”; 6ª Marcas com Faixas Bem Sinalizadas no Chão – durante o espetáculo para indicar a posição do elenco em cena colocou-se essas marcar no chão; 7ª Faixas Elásticas para as Crianças Atravessarem o Palco Girando – auxiliou durante a cena das crianças no segundo ato do espetáculo, onde elas giravam e esses ramos formavam um corredor que as direcionava ao outro lado do palco; 8ª Ter ouvinte no Espetáculo como Duplas ou Guias – através do relato dos alunos surdos o elenco foi constituído por pessoas surdas e ouvintes,

---

<sup>2</sup> Elaborei o portfólio como uma das ações existentes dentro do projeto de extensão. Esse material serviu para a escrita de diversos trabalhos acadêmicos, sendo um deles o TCC. <https://drive.google.com/file/d/1UF7EfGS24XW8GjYmO1qZHW9MkBUbi7vv/view?usp=sharing>

pois os surdos nunca tinham subido a um palco e se sentiam mais confiantes dessa maneira.

Com isso minha pesquisa focou em explicar sobre esses processos de ensino-aprendizagem vivenciados dentro das aulas de dança do projeto e da criação do espetáculo “Vivências Surdas Práticas Artísticas”. Essas pistas não auditivas são utilizadas há alguns anos na educação de surdos. Um exemplo é o piscar de luzes utilizado para chamar a atenção dentro de uma sala de aula com pessoas surdas. Nas aulas de dança do projeto de extensão foi adaptado para indicar *start* e pausa de movimentos em alguns processos de experimentação corporal em dança.

Dentro da pesquisa pude encontrar outros caminhos que envolviam a mesma temática “dança e surdez”. Um deles foi o processo de criação de sinais do universo da dança, sinais de termos utilizados nas aulas de dança como: *demi plié*, meia ponta, *skip*, coreografia, entre outros. São palavras que muitas vezes trancavam o entendimento das execuções dos aprendizados dos movimentos da aula de dança, por não existir sinais ou não ter divulgação de sinais convencionados dentro da Libras, utilizando assim, o alfabeto manual – a datilologia.

Sinais das palavras (*Demie Grand*) *Plié*, *Skip*, Meia Ponta e *Temps Levé*. Assim como o processo de explicações para certos movimentos e certas ações durante as aulas. Como por exemplo: 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª posições dos pés (sendo esses a junção de sinais já existentes como sinal de primeiro junto com sinal de pés); 1ª, 2ª, 3ª posições de braços e preparatória (junção de primeiro e tocar nos braços); diferença entre *releve* e *3leve*. (SILVEIRA, 2022, p. 97-99)

A criação de novos sinais da Libras é um processo longo e criterioso, não se pode ir criando sinais livremente. Felten (2016) e Santos (2017) destacam mecanismos para criação de sinais como: iconicidade, metáfora, metonímia, entre outros. Para além desses mecanismos as alunas surdas dentro do projeto tiveram uma imersão ao mundo do balé (aulas de balé, filmes de dança, espetáculos e ensaios de balé etc.) para criar alguns sinais convencionados para as aulas de dança.

Essa temática foi apenas citada na pesquisa sem grandes aprofundamentos, pois ela demanda de uma propriedade maior de estudos na área da linguística e conhecimento mais avançado da Libras. Por esse motivo apenas registrei esse acontecimento que foi extremamente significativo para esse campo de estudos.

#### 4. CONCLUSÕES

Como conclusão deste texto ressalto a importância de licenciandos em qualquer área do conhecimento vivenciar processos de ensino pensando na inclusão e acessibilidade, não somente na área da surdez.

As estratégias metodológicas que elenquei na pesquisa tem o objetivo de transgredir o ensino de dança apenas para corpos padrões dentro da normativa. Tornar acessível aulas de dança para o público surdo refletindo a importância da sua língua visual, a Libras, e da diferença cultural do sujeito surdo, isso nos torna um profissional mais inclusivo.

A construção do espetáculo “Vivências Surdas: Práticas Artísticas, que se fez também através das aulas de dança, gerou reflexões sobre o artista surdo e sua posição em cena.

Pensar sempre na autonomia do sujeito surdo, que nesse caso torna-se um artista, como enfatiza a Pedagogia Visual de Lacerda e Santos (2013) da importância à utilização de recursos visuais e vibrátil-sensível, nos levando as pistas não auditivas citadas por Lebedeff (2017) como estratégias metodológicas.

Vivenciar práticas educativas dentro de projetos que fazem a ponte entre universidade e comunidade são de extrema importância. Entender que, o que constitui o ensino-aprendizagem para o qual estamos nos preparando são alunos (as) com corpos diversos e diferentes vivências. Na maioria das vezes práticas de danças codificadas excluem corpos não padrões de suas aulas e apresentações artísticas, desmistificar esse processo e incluir com autonomia os sujeitos surdos é o mínimo a ser feito por nós futuros professores (as) de dança dentro da escola.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue português-libras de termos da história do Brasil**. 2016. 167 p. Dissertação (mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2008.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. (org.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Surdez como diferença cultural. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. **Língua de Sinais e Cultura Surda: Qual o Seu Lugar na Escola?** Ed. UPF, 2017, p. 9-24.

MATOS, Lúcia. **Dança e diferença: cartografia de múltiplos corpos**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARQUES, I. A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

PERLIN, G. T. T., Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre-RS: Mediação, 2013. Cap.3, p.51-73.

SANTOS, P. T. **A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue**. 2017. 232 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVEIRA, Victor Techera. **Dança com surdos: reflexões sobre experiências sensíveis no projeto de extensão “A Comunidade Surda Reinventando a Arte do Balé”**. 2022. 111 f. Monografia (Graduação em Dança Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2022.